

CADERNO DE CORES EM LÍNGUA DE SINAIS: ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE ARTE, LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Jamille Sousa Duarte
SEDUC
jamille-duarte@hotmail.com

Izabel Cristina F. da S. Limeira
SEDUC
izabel_limeira@hotmail.com

Resumo: A discussão sobre inclusão está cada vez mais presente, seja nos estudos ou na prática dos professores, que normalmente enfrentam dificuldades de elaboração de planos direcionados e adaptação de atividades. O presente trabalho teve como objetivo construir material de atividades pedagógicas relacionada ao ensino do componente curricular Arte nas séries iniciais do ensino fundamental para surdos. Percebeu-se a necessidade de trabalhar as cores utilizando material diversificado, visual, com texturas, tamanhos, com desenhos dos sinais para melhor aprendizagem do aluno surdo e conseqüentemente dos familiares, visto que, na grande maioria, não dispõe de propriedade no uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para se comunicar com a criança. Para a construção do material houve necessidade de pesquisa no ensino de Arte para surdos, habilidades e conhecimentos pela BNCC e dos desenhos dos sinais pelo dicionário de Capovilla e Raphael, culminando com a prática do material em sala de aula. Diante disto, mostraremos as etapas para a construção do material e, por conseguinte as discussões a respeito do tema. O resultado da vivência do material pedagógico mostrou que houve aprendizagem das cores com êxito e principalmente ampliação no vocabulário: em Libras, como primeira língua (L1) para os surdos e segunda língua (L2) para os familiares e em Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para os surdos.

Palavras-chave: Ensino de Arte, Educação de Surdos, Material Pedagógico Inclusivo.

Introdução

A educação inclusiva e em específico a educação voltada aos surdos, vem sendo discutida em momentos importantes e em especial na prática dos professores. A concepção de ensino bilíngue para surdos deve estar enraizada e respeitada culturalmente e linguisticamente. Portanto, há necessidade de pensar nos surdos, no seu desenvolvimento e inclusive no ensino de Libras das pessoas que estão ao seu redor, os familiares.

Pensando na inclusão dos surdos e de seus familiares na aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras), surgiu a ideia de construir um material que pudesse suprir algumas necessidades, sendo assim, o caderno de cores trouxe para os alunos surdos aquisição de vocabulário em Libras como primeira língua (L1) e em Língua Portuguesa como segunda língua (L2), assim como facilitador da aprendizagem dos familiares correspondendo aos objetos de conhecimento e habilidades que estava

sendo ministrado nas aulas de arte, sendo a Libras como segunda língua para os familiares.

Para tanto, alguns estudos foram necessários e em consequência a prática, o uso do material numa experiência com alunos surdos do 2º ano do ensino fundamental da Escola de Audiocomunicação de Campina Grande, EDAC.

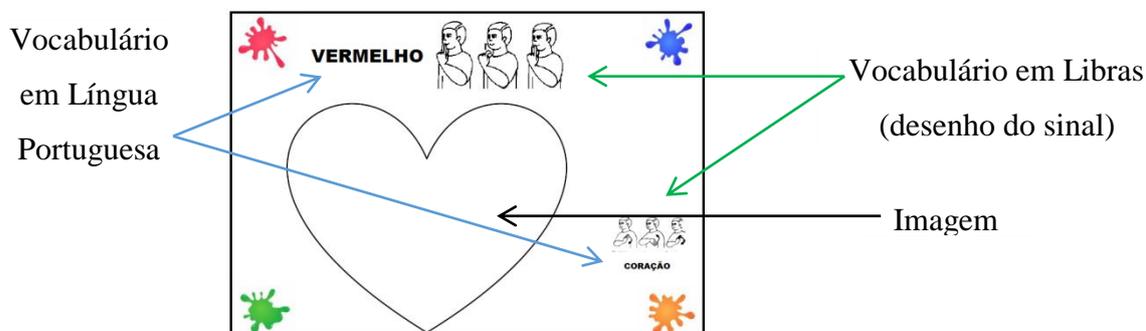
Metodologia

Para o presente trabalho, realizamos pesquisas bibliográficas a respeito do ensino de Arte para surdos, sinais dos desenhos e construção e vivência do material pedagógico “Caderno de Cores”.

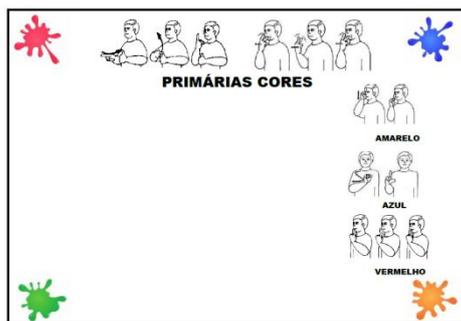
Neste momento iremos relatar as etapas para a construção do material pedagógico. À priori houveram os estudos relacionados ao ensino de Arte, e, em consequência:

1ª etapa: “Pensando as Habilidades” – diante do ensino do componente curricular Arte está centrada na linguagem das Artes Visuais, envolvendo a prática de criar, produzir e construir, foi selecionado o objeto de conhecimento Materialidades contemplando as habilidades “experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc)” instigada pela BNCC (2018). Sendo assim, selecionamos as cores como base para nosso trabalho.

2ª Etapa: “Pensando a Estrutura da Página” – para melhor trabalharmos estas habilidades pensamos no tamanho A4, formato horizontal, Sinais em Libras acima das palavras em Língua Portuguesa com tetras em Arial Black, centralizado, superior, caixa alta, ou do lado direito (dependendo da atividade a ser realizada na página).



3ª Etapa: “Elaboração das atividades” – elencar o que e como se pretende trabalhar, traçando, em rascunho, cada atividade. Tomemos como exemplo as cores primárias:



Para a realização desta atividade, iniciamos com conhecimento prévio dos alunos sobre as cores, mostrando fitas de tecido coloridas e manuseando-as. Em seguida selecionamos as cores a serem utilizadas nesta página, indicando que estas são as cores primárias.

4ª Etapa: “Pesquisa do Vocabulário e Imagens” – depois de selecionar as atividades foram pesquisados os vocabulários em desenho em Libras pelo dicionário de Capovilla e Raphael, digitalizado para compor a página, para as imagens selecionamos a partir de pesquisa na internet e construímos em Word ou Corel Draw. Gravados em uma pasta no computador para posteriori copiar e colar nas páginas do Caderno de Cores organizando-as referente ao local pretendido de cada uma. Lembrando que a imagem não fala por si só, temos que ter cuidado com as interpretações que a mesma poderá mostrar.

5ª Etapa: “Ordenação das páginas do Caderno de Cores” – neste momento elencamos quais atividades viriam primeiro, sua sequencia, para que pudéssemos utilizar com fluidez em sala de aula.

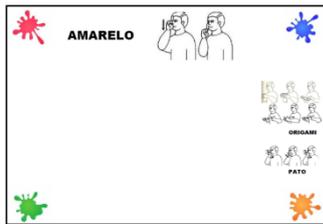
Após a construção do material pedagógico Caderno de Cores, é chegado o momento de coloca-lo em prática na sala de aula. Como o material é dinâmico, permite que o profissional que esteja com ele o utilize como desejar, da maneira que souber, com o material que tiver disponível.

Resultados

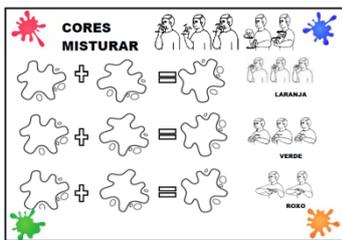
Diante da proposta de trabalho para o presente artigo, mostraremos os resultados da realização do material pedagógico ofertado em sala de aula e repercussão no âmbito familiar.

O material propõe atividades relacionadas ao objeto de conhecimento Artes Visuais desenvolvendo as habilidades de diferentes formas de expressão artísticas, utilizando como base as cores. É nele que os alunos surdos podem desenhar, cortar em E.V.A. (como foi no momento da cor branca, que usamos a pomba branca para recortar e colar explicando, inclusive, o significado da cor e do animal), modelagem em massa de modelar, dobradura (origami da rosa em papel cor de rosa), experiências de misturas de cores para cores secundárias e terciárias.

Examinemos algumas páginas do Caderno de Cores:



A página correspondente a cor primária “amarelo”, na área superior tem a sua esquerda a escrita em Língua Portuguesa, à direita o desenho do sinal. Abaixo à direita temos um espaço para realização da atividade, seja desenho, colagem ou outros. À esquerda apresentamos o sinal de origami e sua escrita em Língua Portuguesa e, em seguinte, o sinal de pato e sua escrita.

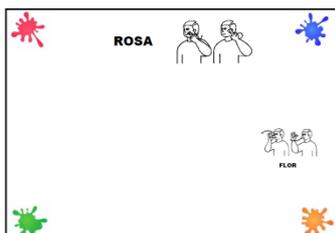


Como também trabalhamos as misturas de cores, essa página nos dá o suporte para a realização e registro das misturas de cores. Neste momento, misturamos em pequenos frascos as cores, utilizando tinta ou cola colorida, e em seguida, registramos na página, refazendo as misturas. Quais são as cores que vamos misturar para dar laranja? E como já haviam vivenciado as misturas elas respondem e pintam (lápis de colorir, giz de cera, tinta, cola colorida).



Para as cores preto e branco fizemos um tabuleiro de xadrez, podendo o professor montar o tabuleiro caso deseje jogar xadrez com as crianças. Mas misturando estas cores teremos a cor cinza, e o que vemos de cinza ao nosso redor? Uma nuvem, por exemplo. E estas são outras páginas do Caderno de Cores.

As atividades propostas sempre seguem uma linha de raciocínio, lhes é mostrada a cor, faz-se uma atividade com um objeto daquela cor e depois misturam-se as cores, o resultado da cor também é trabalhado.



Como por exemplo, a cor de rosa, inicialmente foram mostradas as cores, vermelha e branca, em momentos distintos do Caderno de Cores, e em seguida sua mistura, resultando em cor de rosa, que foi trabalhado o origami de uma flor cor de rosa, e colocamos seu caule com palitos de picolé recicláveis.

As atividades não foram desenvolvidas em uma única aula e sim no decorrer de um bimestre, para melhor interiorização do objeto de

conhecimento assim como mostrar aos familiares e responsáveis, aos poucos, sinais que estavam sendo estudados em sala de aula, facilitando a aprendizagem e comunicação quando houvesse necessidade de utilização da língua e desse vocabulário.

Ao final do bimestre, o material concluído foi mostrado aos alunos e seus pais no Plantão Pedagógico atentando que este material deveria ser guardado, inclusive por conter vocabulário em Libras e porque mostramos como fazer a leitura dos desenhos dos sinais, pois tê-lo e vê-lo sem saber interpretá-lo não adiantaria. O cuidado ao escolher os desenhos dos sinais se deve a interpretação e facilidade de quem nunca viu tais desenhos ou tem pouca orientação com relação a Libras podendo assim, fazer uso do mesmo.

Discussão

Para a construção do Caderno de Cores foi necessário estudo bibliográfico a respeito do ensino de Arte, sobre a Libras como L1 e Língua Portuguesa como L2, assim como o uso da imagem e do desenho do sinal.

A autora Barbosa (1991) declara que Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite: é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. E como conteúdo, representa o melhor do ser humano.

Com relação ao ensino do componente curricular Arte, a BNCC pronuncia que a Arte está centrada em linguagens, à destacar para nosso trabalho as Artes Visuais. Para a BNCC “a Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas” (p. 191), assim como “a aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artística como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores” (p. 191), momentos de experiências com a arte, a vivência de exercer a arte fazem diferença no momento de aprendizagem do nosso aluno, e quando podemos formar esse momento com os alunos surdos, torna-se respeitar o outro em sua identidade e cultura próprias. Nossa experiência foi realizada nas turmas de 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental de uma escola Bilíngue específica para surdos, a Escola de Audiocomunicação de Campina Grande (EDAC), onde segundo a BNCC é imprescindível que

o ensino de Arte deve assegurar aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil. Dessa maneira, é importante que, nas quatro linguagens da Arte – integradas pelas seis dimensões do conhecimento artístico –, as experiências e vivências artísticas estejam centradas nos interesses das crianças e nas culturas infantis. (p. 197)

Portanto, a criação de um material pedagógico que contemple a criatividade por meio da ludicidade, propiciando experiência com diferentes artes e materiais é rico em seu fazer.

A BNCC propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões, porém em nosso trabalho contemplaremos a criação, estesia e expressão, “a referência a essas dimensões busca facilitar o processo de ensino e aprendizagem em Arte, integrando os conhecimentos do componente curricular” (2018, p. 193), para tanto com relação as Artes Visuais

possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas. (p. 193)

É importante oferecer ao alunado a diversidade, neste momento do trabalho amarramos às questões visuais, visto que trata-se de ensino para surdos que eminentemente tem sua cultura e língua visuais. Oferecendo um leque de aulas e atividades visuais podemos ampliar a aprendizagem e permitir que os mesmos possam fazer sua arte.

Diante da unidade temática Artes Visuais, estreitamos para os objetivos de conhecimento para Materialidades, que nos conduz a seguinte habilidade

Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (p. 199)

O material construído para o ensino de Arte, Caderno de Cores, contempla as habilidades esperadas para os objetivos de conhecimento da unidade temática Artes Visuais.

Buscamos para a realidade do ensino de Arte para surdos, inicialmente a perspectiva da Educação Especial (BRASIL, 2014)

“incorporar os mais comprovados princípios de uma pedagogia da qual todas as crianças possam se beneficiar. A Educação Especial assume que as diferenças humanas sejam normais e que, em consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem. Uma pedagogia centrada na criança é benéfica a todos os estudantes, consequentemente, a sociedade como um todo” (p.4).

Com o material produzido todas as crianças podem se beneficiar, pois não é porque está com os desenhos em Língua de Sinais que impossibilite seu uso, pelo contrário estará divulgando a língua de sinais, tornando o surdo mais incluído, uma vez que quanto mais pessoas tiverem acesso a Libras mais facilidade em se comunicar em outros ambientes o surdo terá.

Quando trata-se de ensino de Arte para surdos, recorre-se essencialmente para o uso de imagem. Zimmermann *et al* (2006) propõem em seu

trabalho a cautela ao usar imagens, pois as imagens não falam por si só, e devemos entender que a imagem é lida através da bagagem que carregamos em cada um de nós, da nossa leitura de mundo. Para tanto, Santos e Carvalho (2017) em seu trabalho discorre

A utilização das imagens é o recurso primordial na metodologia de ensino para surdos, e, de acordo com as leituras realizadas, as crianças surdas se saem muito bem durante as atividades artísticas e para isso a orientação do professor para atingir este sucesso é relevante. (p. 29)

O uso das imagens transcende as aulas de arte, perpassa pelo ensino e aprendizagem dos surdos, como podemos aprofundar na Pedagogia Visual, proposta por Perlin e Strobel (2006). Mas o uso da imagem deve ser pensado e repensado para que não haja mal entendidos.

Para o ensino de arte a surdos, Cruz (2016), propõe apropriação na relação de três vertentes de uma mesma abordagem “associando à leitura o conhecimento histórico sobre ela e o exercício prático inspirado pela produção artística” (p. 61), o Caderno de Cores proporciona momentos em que podemos fazer uma análise do que a cor significa para a cultura Nacional ou Mundial, assim como, algumas imagens a serem confeccionadas, que carregam em si significados históricos e importantes para a cultura em geral. Diante do exposto, ainda nos deparamos com a produção artística que pode ocorrer desde uma simples pintura como manuseio de matérias para esculturas.

Para Barbosa Mae (2012, apud Cruz 2016) os três modos de se relacionar com a arte estejam articulada a uma aprendizagem integral “interpretando as pistas visuais da imagem, compreendendo seu contexto histórico e produzindo respostas a estes estímulos dentro de uma linguagem artística” (p. 61).

Quando tratamos no material pedagógico a respeito do vocabulário, é pensado em ampliá-lo para os surdos não bastante na sua língua natural, a Libras, mas também na Língua Portuguesa como L2, sendo assim, a BNCC (2018) do componente curricular Arte, contempla

Tendo em vista o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais. (p. 197)

Vale salientar que o material apresentando os desenhos dos sinais da Libras e escrita em Língua Portuguesa pode auxiliar na aprendizagem e compreensão também dos familiares.

Atendendo aos desenhos dos sinais, recorremos a Capovilla e Raphael (2011), na enciclopédia direcionada a Artes e Cultura, Esportes, e Lazer, que trata como “ilustração pictórica da forma

do sinal” sendo esta uma composição quirêmica da língua. Para melhor compreensão os autores ressalvam,

Trata-se da ilustração em vida real da forma do sinal. Tal ilustração permite o reconhecimento visual direto do sinal e a aprendizagem de sua composição quirêmica, prescindindo da mediação de descrições quirêmicas complexas que seriam impraticáveis para criança surda, embora sejam de grande interesse para o leitor ouvinte. Tal retrato ocorrem em estágios de movimento, de 1 a 8, dependendo da complexidade dos movimentos envolvidos no sinal. Aparecem, também, setas ilustrando o tipo de movimento, sua direção, seu formato e sua amplitude, bem como as partes do corpo envolvidas. Nas ilustrações da forma do sinal, a estilização do modelo de sinalização objetiva levar a criança a concentrar-se puramente na forma do sinal, o que reduz elementos periféricos de importância secundária que, de outro modo, poderiam acarretar confusão ou distração (p.lxvi)

Por isso a importância dos desenhos dos sinais para falante da Libras como L1 e como L2, terem a compreensão da realização de um sinal sem que tenham algum utente da Libras por perto para sinalizá-lo.

Finalizamos esta parte do nosso trabalho pensando a respeito da aquisição de língua materna, ou primeira língua L1, que de acordo com Kojima e Segala (2008) as línguas podem ser consideradas naturais quando

São próprias das comunidades inseridas, que as tem como meio espontâneo de comunicação. Podendo ser adquiridas através do convívio social, como primeira Língua (ou Língua Materna), por qualquer um de seus membros desde a mais tenra idade (p.4)

Então, a língua de sinais é uma língua, e ela é a língua natural dos surdos. Para Quadros e Karnopp (2004, p. 30) “as línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem”. A Lei 10.436/02 reconhece a Libras “como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Líbras e outros recursos de expressão a ela associados.” No artigo 4, no parágrafo único atenta sobre a Língua Portuguesa “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.” Isto posto, a Língua Portuguesa será a segunda Língua dos surdos brasileiros, sendo esta língua utilizada em todos os ambientes escolares proporcionando aprendizagem da mesma.

Para os ouvintes, a Língua Portuguesa é a sua língua natural, L1, e a Libras a segunda língua (L2).

Conclusão

O artigo apresentou aspectos importantes referentes ao ensino da Arte, da Libras e da Língua Portuguesa para surdos, diante de um material pedagógico pensado para a atuação em sala de aula com alunos surdos. Este material foi vivenciado em sala de aula do 2º ano do ensino fundamental e obteve êxito nos seus objetivos.

A construção do material ocorreu após estudos sobre o ensino da Arte à luz da BNCC, assim como relacionado ao ensino da Arte para surdos, estudos sobre imagens que sempre são utilizadas na educação para surdos e também no ensino de Arte, foram aspectos relevantes para este trabalho. Outro ponto importante foi caracterizado pelos desenhos dos sinais, que são ilustrações em vida real da forma do sinal, permitindo o reconhecimento visual do sinal e facilidade para sua reprodução, tanto dos surdos quanto dos ouvintes.

Neste trabalho também visualizamos o interesse no ensino de Libras como primeira língua para surdos e da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos.

A elaboração e construção do Caderno de Cores como recurso para o ensino de Arte, e conseqüentemente de Libras e Língua Portuguesa permitiu um material singular na área. Podemos dizer que ficamos satisfeitos com o resultado, porque auxilia o professor que tenha alunos surdos.

Também constatamos com a prática do material, que além de prazeroso para os alunos, pudemos contar a história das cores e de objetos a ele associados, construindo a cultura e língua para os surdos. Percebemos também, que na conclusão do material, os responsáveis e familiares puderam ter acesso ao mesmo e aprender a ler os desenhos dos sinais, ampliando assim seu vocabulário em Libras.

Diante das etapas vivenciadas para a construção do Caderno de Cores, foi possível, além de entendermos as necessidades de estudos que estavam ao seu entrono, estimulamos nosso interesse em darmos continuidade a trabalhos desta natureza, pois além de atender as necessidades de vocabulário em Libras e Língua Portuguesa para os surdos, ampliaremos de maneira progressiva e espontânea a aprendizagem da Libras para os familiares dos surdos.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte: oitenta e novos tempos; São Paulo: Perspectiva. Porto Alegre. Fundação IOCHPE,1991.

BRASIL. Lei nº 10.436/2002. (Lei da Libras)

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 3ª versão. 2018

BRASIL. Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, DF: CORDE, 1994

CAPOVILLA, Fernando César e RAPHAEL, Walkíria Duarte. **Enciclopédia da Língua Sinais Brasileira. O Mundo do Surdo em Libras.** Volume 2. São Paulo: EdUSP, 2011.

CRUZ, Andreza Nunes Real da. **Aula de arte para com surdos: criando uma prática de ensino.** Dissertação de Mestrado em Artes. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2016.

KOJIMA, Katarina Kiguti. SEGALA, Sueli Ramalho. **LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais – A imagem do Pensamento.** Vol. 1. São Paulo: Escala, 2008.

QUADROS, Ronice M. KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira – estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

ZIMMERMANN, Erika, SILVA, Henrique Cesar da, CARNEIRO, Maria Helena da Silva, GASTAL, Maria Luiza, CASSIANO, Webster Spiguel. **Cautela ao usar de imagens em aulas de Ciências.** IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Ciência e Educação (Bauru). *Online version* ISSN 1980-850x. vol 12 no 2, Bauru, May/Aug, 2006.